

A CHRYSALLIDA



Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

Nº 32

Cuiabá, 15 de Novembro de 1927.

ANNO II

À Patria Brasileira, dedicamos a edição de hoje, como protesto do nosso amor e preito da nossa veneração

A Republica no Brasil

Monarchistas teimosos, desses que, até hoje, sonham com a volta do antigo regime, continuam a pregoar que a republica no Brasil foi consequencia de um simples e momentaneo levante de quartéis e que a esse movimento o povo assistiu indifferente e mesmo «bestificado».

Querem, com isso, fazer crêr que o povo não estava trabalhando pela propaganda republicana, e que o exercito que levou a effeito a revolução, a gliu inconscientemente, manobrado pelos chefes dirigentes da nova fórma de governo.

Não sabem entretanto que esse exercito que se revoltou contra as antigas instituições, era um exercito novo e ardoroso, consciente e liberal, com os seus officiaes sahidos dos bancos da Escola Militar, onde a palavra ardente e sábia de Benjamin Constant, orientava a s suas convicções.

Não sabem ou não querem lembrar as paginas da nossa historia, por onde se vê que desde os primeiros pruridos

SAUDAÇÃO A' BANDEIRA

Salve, Bandeira do Brasil querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pallio sagrado sob o qual palpita
A alma bemdita do Paiz da Cruz!

Salve, Bandeira! Quando ao sol desfraldas
De ouro e esmeraldas o teu manto real,
Nossa alma em vô, pelo azul se lança
Nessa esperança de doura o ideal!

Salve, Bandeira! O teu aceno immenso
E' como o lenço de uma mãe que diz,
Sandando o filho e lhe apontando o norte:
«Sê nobre e forte, e me farás feliz»!

Salve, Bandeira! Como tenda arfante,
Que se levante no deserto nú,
Tu nos sorris e toda dôr desfazes,
Ha sempre oasis, onde fulges tu!

Salve, Bandeira! A nossa vida é barca,
Que singra e arca com um mar fatal;
Tu és a vela que jamais se perde,
Vela auriverde a demandar o ideal!

Salve, Bandeira, que és suave e justa,
Mortalha augusta para os bravos teus;
Mas, como a tunica de Néso, ardes
Para os cobardes, para os vis e os reus!

Salve, mil vezes, ó gentil Bandeira,
Pura, fagueira, fulgurante, audaz!
Salve, nas ondas e na firme terra!
Salve, na guerra e na rosada paz!

Dom Aquino Corrêa.

pela nossa emancipação politica, afirmou-se com eloquencia, a existencia, do ideal republicano no Brasil.

Já desde 1710, por occasião da guerra dos Mascates, o nobre Bernardo Vieira de Mello, em reunião realisada em Recife, propunha que se o novo Governador que se esperava de Lisboa não consultasse os interesses geraes, fosse expulso para Portugal e proclamada a republica.

O insuspeito historiador Robert Southey commentando esse facto diz que: «o partido republicano existia já, embora indisciplinaadamente, em todo o Brasil».

Desde então o heroiço Pernambuco tornou-se a sementeira bemdita do sublime ideal.

Em 1817 e em 1824, na Confederação do Equador, com a flôr da sua intellectualidade, soube elle reafirmar positiva e heroiicamente a sua indomavel dedicacão á causa republicana.

A Revolução Praieira foi ainda um attestado eloquente dessa convicção que ainda uma vez se manifestou insophismavel por occasião do advento do novo regime.

E longe de alheiar-se á propaganda da causa sacrosantia que esposára, infiltrava o soberbo Leão do Norte os seus mais deno

dados e inteligentes apóstolos pelas províncias do norte, até o Ceará, interessando igualmente na causa commum a velha Bahia que se apresenta contaminada nas revoluções do Maneia e da Sabinada.

Minas, coração do Brasil, e seu centro mais populoso, denodadamente se manifesta, desde 1720, com a revolta do grande martyr que foi Felipe dos Santos, e com um cunho positivo e evangelizador com amadalfada Conjurção Mineira, onde os seus dirigentes e intellectuaes souberam patentear ao mundo inteiro, como tinham sabido aprender na Europa as sabias lições dos philosophos francezes e como lhes caíra n'alma o soberbo exemplo dos Estados Unidos da America do Norte a attestar com eloquencia que a monarchia era « planta exotica » na livre America.

O Rio Grande do Sul, terra tradicional das aventuras cavalheirescas, proclama e defende, por dez annos resistindo ás melhores tropas imperiaes a Republica de Piratinim a pregar magestosa, o seu benemerito lemma—Liberdade, Igualdade e Fraternidade—só offuscado pelo valor da espada de Caxias.

Até então pôde dizer-se que a propaganda carecia de unidade e de programma.

Em 1870, entretanto, logo depois da guerra do Paraguay, ella se regularisa e intensifica.

E' publicado o manifesto republicano, o corpo de doutrina dos crentes no ideal, e fundado no Rio o jornal "A Republica" que devia affrontar as primeiras arremetidas da prepotencia monarchica.

Com a propaganda vieram os adeptos e com elles a eleição dos

primeiros deputados republicanos, tão resolutos e entusiastas que, um d'elles, o P. João Masciel, pronunciando um discurso em presença do Ministro d'Estado, termina-o bradando: "abaixo a monarchia e viva a republica".

Já por esse tempo, e a proposito da promulgação da Aurea lei, um dos mais eminentes estadistas do imperio dizia propheticamente que, quando cessassem os hymnos em homenagem á abolição, haviam de ouvir as primeiras notas da marcha funebre do enterro da monarchia.

Estava sazonado o fructo e a questão militar não foi, pois, mais do que o pretexto habilmente escolhido para a proclamação, que o exercito realizou com inteira convicção e com fervente enthusiasmo.

P. CORRÊA.

A Bandeira

No symbolismo das instituições humanas avulta mais nobre o symbolo da nacionalidade.

A nossa bandeira representa, de vez, as possibilidades economicas do solo, nas suas cores; a discriminação politica do paiz, no campo estrelado, e a fé inquebrantavel do espirito nacional nos destinos da patria, na sua legenda.

Alma nacional, ella synthetiza as tradições gloriosas do passado e acena maternamente carinhosa, no presente, para os grandes ideaes do futuro.

Nas suas dobras se prendem, por uma associação de ideaes, os nossos usos e costumes, as nossas instituições civis e politicas.

O trato contiguo, porem, das cousas mais nobres, nos levam a olhar indifferentes os emblemas dignos de veneração e os phenomenos que merecem notados na propria natureza. E' assim que vemos nos dias de festa nacional o nosso pavilhão hasteado, drapejando ao sopro da brisa perfumada.

Havemos de mister, erguer por vezes, o véo do indifferentismo para vel-o no campo da lucta, voz imperiosa e energica, que electriza e anima em mil lances de bravura, registrados na historia patria; devemos, á sombra da paz, na meditação das memorias do passado, trazer-o para junto de nós, e, no fervor de crentes, deliberarmos-nos aos empre-

hendimentos de que proxima ou remotamente decorram benemerencia da patria, o que conseguiremos aliando ao estudo perseverante a acção dedicada.

Lembremo-nos sempre, entretanto, que o nosso melhor factor de cooperação é o exemplo. Euclides da Cunha narra que, na demarcação de limites do Brasil com o Perú, seguiam as commissões dos dois paizes pelo Javary; num passo deserto foi a pique a canoa que transportava o abastecimento da tropa brasileira. Houve um momento em que a soldadesca sentiu-se prostrada, decidida a não proseguir, abatida de fadiga e de fome. Aquociam-se tristes e silenciosos junto a uma fogueira enquanto os peruanos, a poucos passos, se restauravam das fadigas, no rancho costumeiro. De nada valiam já á nossa tropa as admoestações, as ameaças, as considerações de toda a ordem, quando um facto simples e eloquente em sua nudez os transforma de repente. Terminada a refeição, que os nossos pobres soldados observavam, um sargento peruano, compondo o traje, toma a bandeira de sua patria de envolta ao braço esquerdo, e, com porte militar desce a prata, indo hasteal-a na prôa da embarcação de seu chefe, onde tremulou desdobrada, triumphal. A aquella vista, a nossa tropa ergueu-se vibrada, como se fóra um so homem, e ao que não valeram as admoestações e

ameaças, determinou-lhes o estimulo do amor da patria, por não verem sobrepujada a bandeira do Brasil.

Salve bandeira da patria!

JOAQUIM MARQUES.

Historia de uma folha

Uma folha nasceu terra e creme, envolta em pennugem de seia. Cresceu, depois alargou-se. Vestiu-se de esmeralda e robusteceu-se sobre o ramo de uma arvore que carinhosamente a sustentava e nutria como a outras muitas irmãsinhas, que verdes, pardas, roxas amarellas, grandes e pequenas, lá passavam a vida a brincar com a luz, a adornar-se de perolas de orvalho, a ouvir as cantilenas dos passarinhos, e a dançar com as brisas irrequietas e perfumadas.

Um dia sentiu na sua carne transparente, o beijo audaz e tentador de Zephyro, que em surdina, doce e maligno lhe sussurrou:

« Como és bella e flagrante! E ainda não te cançaste de viver, escrava desse velho rustico tronco? »

Tá tão nova e graciosa!... Porque não abandonas esse ramo, negro e contorto, de rustica cortiça, ericado de rugas, coberto de poeira, habitado de insectos?

Liberta te e vem commigo!

Quero levar-te sobre as mi-

nas asas invisíveis até os jardins de flores coloridas, até às margens de correios cristallinos, povoados de nimphas, até os cumes sublimes das montanhas onde acampam as nuvens.

Verás tolinha, as honras que te aguardam e a que fazes já; as festas, as alegrias, o tripudio que em redor de ti, a mais gentil das folhas, faremos todos os ventos.

Encolheu-se escandalizada a folha e tremeu horrorizada, dignificando a sua repulsa.

Zéphiro, contrariado e vencido, passou de largo.

Voltou porém essa mesma tarde, uma tarde cheia de melancholia e abandono e ao outro dia de manhã cedo, mal a virgem incauta escancarando ao sol o seu limbo brilhante, recebia no seu coração a eucharistia da luz.

Pela manhã e á tarde, tornou a passar o tentador, vestido de encantos e tornou a repetir, com uma voz muito suave, a suave insinuação plerica de promessas, até que a incauta *obsceccionada* pela miragem, já sem resistencia, atirada no seu orgulho e vaidade, completamente seduzida, deixou-se levar, mollemente acomodada, sobre as asas do Zéphiro.

Um golpe violento no peçolo arrancou-a do seu tronco.

A arvore deu um grito abafado de angustia e o ramo deixou

correr suas lagrimas amargas...

Ella, porém, indifferente, leviana, lá se foi, com seu limbo estendido como uma bandeira, livre e ebria de liberdade, voltejando, esvoaçando, cofacolando, no turbilhão das danças mais doidas, entre os braços dos ventos mais loucos e perigosos.

Era o delirio!..

Estes porém, ao chegar da noite, cansados, enfraquecidos, começaram a retrahir-se: uns rumo ás montanhas, outros entre ramos das arvores.

E a folha, abandonada, sosinha, foi descendo, descendo, até que fria, contorta, enrugada e árida, achou-se por terra entre o cisco e a lama.

Zéphiro! leva-me ao paiz das flores, leva-me á margem dos correios, leva-me ao cimo dos montes, gritava a folha, ao despontar a aurora, sentindo o Zéphiro chegar.

Mas Zéphiro passou, surdo, indifferente e cruel.

Zéphiro, leva-me! implorou a folha com uma voz marulhada em pranto, aquella tarde, vendo approximarem-se as trevas, não querendo mais dormir por terra, abandonada e só, exposta á baba de um herbívoro e ao casco de todos os animaes.

Zéphiro! repetiu ainda uma e mil vezes, a folha despresada e trahida, implorando socorro, quando os primeiros raios da ultima aurora trouxeram-lhe o

vislho de uma pallida esperança...

--Zéphiro!....

Inutilme te.

Zéphiro passou, insensível surdo aos gritos, aos prantos ao estertor da miseravel agonizante, que algumas horas depois, flaccida, secca, descolorida, despresada por todas, foi terminar a sua vida no lamaçal e desaparecer no barro, lodo do mesmo lodo.

Jovens, que viveis num redemoinho de Zéphiros tentadores e sempre trahidores, não esqueçais a historia desta folha.

--Vinde connosco! dizem outros ventos, a vós, moços inexperiencedes.

--Vinde connosco! longe dessa velha casa paterna, livres da tuteila de vossa mãe.

--Vereis a festa que vos aguarda, e a felicidade de que vos cumularemos.--Vinde connosco!

E o convite seductor, depois a embriaguez. E' o vôo momentaneo, depois a queda fatal. E' o instante de gloria, depois a deshonra. E' um raio de esplendor, depois a noite fria. E a queda desde o cimo ao abysmo; desde a gloria á ignominia com a vergonha de terdes dado ouvido a quem covardemente vos ludibriava, e com o remorso de terdes ingratamente abandonado entre lagrimas amargas, o unico ser que vos amava com sinceridade e paixão.

Hamlett.

15 de Novembro

A alvorada fresca e bella de 15 de Novembro, parece-nos que ao solemnizar a Republica, a natureza se transformou.

O céu é de um azul mais puro, o verde das mattas mais vivo e já despido do pó, pelas ultimas chuvas; o amarello do sol mais vivo e mais bello e o branco dos rios, das nuvens e de tudo, mais harmonioso, mais pacifico, sem um matiz differente.

E as quatro cores da natureza, symbolizadas no pendão de nossa terra, num oceano de luz e de belleza, flutuando por sobre nossas cabeças, lança, do topo dos mastros, suas bençãos seus e agradecimentos.

E a cada alvorecer de um 15 de Novembro vem-nos á mente aquella mesma scena de 1889.

E é o velho marechal que entre a tropa e o povo, animado do fogo santo do patriotismo, com a mente povoada de risonhas visões, á porta de um quartel, brada o: Viva a Republica!

Rompe-se o véo.

E o povo que sonhava com a luz e só possuia a penumbra, recebe...

E quatrocentos annos de trabalho collimavam-se ao brado de Deodoro.

O sangue dos martyres imolados no altar da liberdade já se vingava.

Felippe dos Santos! Tiradentes! erguei-vos dos vos-

sos tumulos e vinde ver vossa obra realizada!

Mas si uma parte do povo brasileiro recebe e gosa da luz, a sua maior parte possue-a e não a conhece.

Esses são os miseros filhos das mattas, que não conhecem o mysterio dos signaes escriptos.

São os nossos irmãos desprotegidos, cuja intelligencia não cultivada, produz os flagellos das sociedades.

E o monstro horrendo, o causador de todos esses males, o terror dos povos, é o analfabetismo.

E' a ignorancia.

Leitor que amas a Patria, pensa que si sabes conhecer teus direitos, quatro teus irmãos não os sabem.

Que quatro teus irmãos

A Chrysalida

não se sentem cheios de amor patrio ao som do hymno nacional e ao flammular do pavilhão de sua terra. E só não sentem porque o não comprehendem.

Leitor moço, porque só é velho quem não possui ideas moças, no dizer de R. Barbosa, juremos illuminar o cerebro desses irmãos que não sabem o que seja a Republica e suas instituições.

E após a extincção desse polvo que asphixia a Patria, então teremos a verdadeira consagração de 15 de Novembro.

A Republica comprehendida por todos, o voto bem praticado por todos, a liberdade em todos os sentidos da palavra e então o sonho de Tiradentes será realizado.

Por hoje só temos a Republica para 20 % dos brasileiros.

Nós que somos os moços de hoje e os homens de amanhã, juremos fazer a Republica republicana.

Pulcherio Filho.

SORRISOS...

A viração amena da noite, traz-me aos ouvidos, em semi-diapasão, vozes infantis, gritinhos estridentes, algazarras... Brincam de roda.

Os sons a pouco indistinctos, tornam-se-me claros agora pela direcção do vento, que mudou... Cantam a "Cirandá", a mesma canção do tempo em que tambem eu fazia parte desses innocentes folguedos.

Abeirando-me da janella, distinguo no meio do pateo enlucrado, a roda. São dez ou doze creanças, uniformizadas pelos reflexos da lua, de mãos dadas, dançando em reviravoltas.

De espaço, um gargantear desafinado, provoca a hilaridade nas outras creanças, fazendo partir daquelle grupo, um coro de risadas frescas e sonoras como o gorgeio dos ninhos...

Risos de creanças... Que ha de mais puro que um riso franco e espontaneo em labios de creanças?!... Esses risos possuem a transparencia da mesma lagrima que dos seus olhos desliza... Tambem ellas choram com a mesma facilidade graciosa com que riem...

A alacridade desses risos que espalham atomos de crystal e pétalas de rosas, é a expressão viva da alegria sa dessas alminhas despreoccupadas. Porem... com a sequencia dos annos, tudo se transforma. Precade a tela azul do horizonte escampo da nossa infancia, um fundo escuro com laivos pardacentos de duvidas e prazeres que easombra o céu da nossa mente quando já então reflectimos...

O riso por sua vez, limita-se, restringindo-se no sorriso.

Este é em verdade, mais bello, mais gracioso, possui até algo de celeste, quando descerrado por labios candidos que não sabem mentir. Alguem prescrevendo-lhe a linhagem affirmou: "é aristocratico e de sangue azul". Talvez mesmo traga em si o cunho real dos principes encantados dos mimosos contos de fada. Mas, o riso, excluidos — o sarcastico que possui o timbre metallico de sinos velhos, e o riso allucinado e inexpressivo dos loucos, elle exprime uma só cousa — a alegria e o prazer de momento feliz.

O sorriso, ao contrario, assume modalidades nas occasiões e varia com as individualidades.

Assim é, meigo e intelligente o sorriso de quem traz a alma vestida da brancura lyrial da paz. Os labios descerram-se com a suavidade e levesa de sombras que se rasgam, irradiando scintillações de gotas de orvalho, coloridas pelo sol nascente. Mas... ha-os tambem tristes e amargos, que denotam soffrimento e descrença. Ha os sorrisos da indifferença mais mordazes ás vezes que uma palavra. E assim, os sorrisos amoldando-se á indoles diversas, tomam diferentes aspectos, symbolisando emoções variadas. A par destes, existe ainda aquelles que em si não dizem nada e não ser a vontade de exhibir dentinhos alvos. São sorrisos de prestações, occasiões, delineados em labios a "baton"...

O ANNIVERSARIO DE VON HINDEMBURG

Por occasião da passagem do seu 80.º anniversario natalicio, recebeu o veneravel anciao que tem em suas ferreas mãos as rédeas administrativas da Alemanha, as mais sinceras e entusiasticas manifestações de um povo inteiro, contando-se entre os mais exaltados, os republicanos, que combateram a sua candidatura á presidencia do Reich, pensando que o velho soldado comprometteria a causa republicana, quando em verdade, só tratou de robustece-la, mantendo firme o seu juramento de fidelidade ás instituições republicanas.

Não desmente as qualidades da sua raça, o soldado intrepido de Masuria, que ao chamado da Patria, vem empregar suas ultimas energias, para salvar a dessa situação difficil em que se achava após a guerra, quando viu os seus thesouros do Rheino saqueados, os seus filhos degladiando-se em competições politicas, e numerosos entraves a impedir em sua expansão economica, ao mesmo tempo que devia saldar os compromissos decorrentes do armisticio. Mas, para von Hindenburg, acima de tudo está o interesse da Patria.

E assim, deixando o seu recanto de repouso no Hanover, toma a direcção do Estado, fazendo o seu juramento de fidelidade á republica, com quanto amargor e sacrificio, porque é um monarchista convicto, e jamais poderá trahir o seu passado!

Bellissimo exemplo de patriotismo, temperança e caracter, o de von Hindenburg, que numa idade avançada, constituindo um caso rarissimo, deixou o descanso a que tem direito, e vem, por duas vezes, sacrificar sua vida pelos interesses da Patria, mantendo as legiões negras de ferozes indianos, gulchas e hotentotes, além das fronteiras patrias, e agora curando as feridas do seu paiz estremecido, chamando á razão os allemães desunidos, aconselhando-os a se reconciliarem, arrancando a Alemanha do cahos em que cahira. E' pois justa a confiança dos estrangeiros, a gratidão e veneração dos seus concidadãos.

A. Molina.